



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO
ÁREA: CULTURA POPULAR

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: OS FOLHETOS E A FUNÇÃO CIRCUNSTANCIAL

Larissa Amaral Teixeira
RA: 20513195

Brasília, outubro de 2008

Larissa Amaral Teixeira

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: OS FOLHETOS E A FUNÇÃO CIRCUNSTANCIAL

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor Mestre Severino Francisco

Brasília, outubro de 2008

Larissa Amaral Teixeira

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: OS FOLHETOS E A FUNÇÃO CIRCUNSTANCIAL

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Professor Severino Francisco
Orientador

Professora Ellis Regina Araújo
Examinador

Professor Mário de Souza
Examinador

Brasília, outubro de 2008

Dedicatória

Dedico este trabalho
aos poetas populares
que fazem da poesia
uma forma de inclusão.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, que sempre me apoiou em tudo na vida com amor incondicional, e sempre me deu forças em tudo que precisei, acreditando em mim. Ao meu pai, por ter me proporcionado condições financeiras para estudar. Ao meu namorado Rafael por ter me ajudado na pesquisa bibliográfica e por ter me dado apoio psicológico. A Viviane Resende, que me ajudou com a pesquisa deste o primeiro projeto e me deu várias dicas e soluções aos meus problemas. E ao professor Severino, pela cordialidade e orientação neste trabalho.

Dois quadros

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terra do Sul.

(...)

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

(...)

O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol do Nordeste nos mostra o retrato
De um bolo de sangue nascendo da terra.

Porém, quando chove, tudo é riso e festa,
O campo e a floresta prometem fartura,
Escutam-se as notas agudas e graves
Do canto das aves louvando a natura.

(...)

Patativa do Assaré, cordelista

RESUMO

O presente trabalho pretende mostrar a literatura de cordel como uma forma de jornalismo, assemelhando-o ao gênero da crônica. Os poetas populares produzem, dentre vários tipos de folhetos, o circunstancial, que é um poema noticioso, o qual aborda assuntos cotidianos que são muitas vezes bombardeados pela mídia ou assuntos de interesse público. Assim, neste gênero poético, o cordelista se embasa nos veículos jornalísticos, no contato com o público e também na sua própria experiência. Ele relata os fatos se enquadrando na metrificação, rimas e demais normas que são exigidas na redação de um cordel... Acrescenta signos poéticos e nunca deixa de lado a criatividade, ousadia e senso crítico na hora de redigir seu folheto circunstancial.

Palavras-chave: Literatura de cordel, poesia popular, folhetos, cordelistas, crônica.

Lista de Ilustrações

Figura 1	24
Figura 2	25
Figura 3	25

Sumário

1. Introdução	10
1.2 Metodologia.....	11
2. A origem da literatura de cordel no Brasil.....	12
2.1 A chegada do cordel	12
2.2 Disseminação do cordel no Brasil	13
3. Gêneros do cordel	18
3.1 Modalidades	18
3.1.1 Sextilha:	18
3.1.2 Sete Linhas ou Sete Pés (Septilha):	18
3.1.3 Décima:.....	19
3.1.4 Martelo agalopado:	19
3.2 Aplicação das normas	21
3.3 A xilogravura no cordel.....	23
4. Jornalismo opinativo.....	26
4.1 A opinião no jornalismo	26
4.2 A crônica.....	27
5. Análise de folhetos	30
5.1 Folhetos circunstanciais.....	30
6. Conclusão	36
7. Referências bibliográficas	37
7.1 Folhetos utilizados.....	38
Anexo A	39
Anexo B	41
Anexo C	43

1. Introdução

Existia no Brasil uma concepção de que a poesia popular era para as classes sociais mais baixas e que a literatura para classes mais favorecidas era a erudita, produzida pelos escritores formados nas universidades. Porém, a partir da década de 1960, esse modelo começou a mudar. A imigração de nordestinos para as demais regiões brasileiras despertou o interesse dos intelectuais pelos folhetos de cordel. Aos poucos foi surgindo uma nova geração de cordelistas. Esses poetas que tiveram acesso a um novo mundo passaram a escrever sobre as mais diversas áreas que envolvem a sociedade, e não só de assuntos relativos ao local onde habitavam, como antes. Os cordéis começaram a tratar de filosofia, política, economia e outros assuntos que interessavam o seu mais novo público-alvo: estudantes, pesquisadores e intelectuais.

Porém, ainda há a insistência de muitas pessoas no preconceito contra a poesia popular. Há a ignorância em relação a sua história, à sua importância da mescla de culturas, de informações, de conhecimento de novas formas de expressão dos mais diversos povos. A história do país está marcada pela miscigenação de etnias. Assim, a mistura de conhecimento, vinda de qualquer classe social, não fica de fora, não deve ser desprezada. Estudiosos da poesia popular que serão mostrados neste trabalho enfatizam que não há literatura de menor ou maior valor. As expressões culturais não devem ser rotuladas dessa forma. Escritores de renome buscam inspiração e fontes na cultura popular, da mesma forma essa cultura aparentemente tão simples apresenta riqueza de informações históricas, evidenciando a pesquisa feita pelos poetas.

Dissertar sobre a literatura popular é uma forma de desmistificar as idéias antiquadas sobre ela, de renovar conceitos, de misturar erudito e popular. Este estudo, de uma forma simplificada, é acessível a todos que se interessam pela poesia de uma forma geral e, em especial, aos que queiram conhecer um pouco mais sobre a riqueza da literatura de cordel brasileira.

Com este estudo, pretende-se dissertar sobre o tema da literatura de cordel no Brasil, enfatizando o trabalho de diversos cordelistas que, por meio de seus folhetos, são, além de poetas, divulgadores da notícia.

Uma grande parte das pessoas já ouviu falar dos folhetos de cordel, dos repentistas... A poesia popular é um patrimônio cultural da sociedade brasileira. A

cultura oral, contada, cantada ou escrita, passa de geração em geração, por todas as regiões do Brasil e, saindo do âmbito apenas das classes sociais mais baixas, os simples folhetos pendurados em barbantes ganharam o nome de cordel.

Este trabalho levanta a hipótese de que a poesia popular está sempre se adaptando e, por isso, sobrevive na pós-modernidade; apesar da grande difusão de novas tecnologias que, por causa da agilidade e grande inovação, tendem a afastar as pessoas das expressões artísticas mais tradicionais.

Este estudo enfatiza uma das funções dos folhetos de cordel: a poesia circunstancial, que trata de fatos e transforma o cordelista num jornalista opinativo, traçando seu cordel como uma “crônica” na poesia popular.

O objetivo deste trabalho é explorar a função jornalística da literatura de cordel no Brasil. Para mostrar este lado noticioso do cordel, serão analisados folhetos circunstanciais, que são poemas de cordel que tratam de fatos que foram expostos à mídia.

1.2 Metodologia

O método utilizado foi a análise qualitativa de conteúdo dos folhetos e a pesquisa bibliográfica, principalmente em dissertações sobre cordel e em artigos científicos de estudiosos da cultura popular relacionados ao jornalismo.

Alguns livros sobre cordel e, principalmente, os livros que tratam sobre estilos jornalísticos, fazem parte da pesquisa.

Também foram utilizadas entrevistas feitas com cordelistas de várias gerações que falaram sobre a história do cordel, sobre os estilos dessa literatura, sobre as regras para escrever folhetos e o que vivenciaram como poetas populares.

No primeiro capítulo há uma abordagem histórica sobre a literatura de cordel, da sua chegada ao Brasil até os dias atuais; e a importância dessa poesia popular. O segundo capítulo fala sobre os principais estilos e normas do cordel; sobre os gêneros que os cordelistas utilizam para os diversos poemas e uma breve abordagem sobre xilogravura. No terceiro capítulo, tem-se uma breve dissertação sobre jornalismo opinativo, em especial, sobre a crônica, comparando-a ao cordel. Para o quarto e último capítulo, foram selecionados três folhetos noticiosos para uma breve análise.

2. A origem da literatura de cordel no Brasil

2.1 A chegada do cordel

“Literatura de cordel” é uma nomenclatura dada aos folhetos de cordel pelos intelectuais brasileiros por volta de 1960/70, adotando a denominação utilizada em Portugal para a poesia similar ao cordel. Mas essa literatura, anteriormente, era conhecida como livrinhos de feira, ou livretos, ou a mais popular pelos cordelistas, “folhetos”. Cordel também vem da palavra “cordão”, pois os folhetos ficavam pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos nas feiras.

Alguns estudiosos acreditam que a literatura de cordel chegou ao Brasil na primeira metade do século XVI. Ela foi muito difundida no Nordeste, local onde foi iniciada a colonização, e de lá se disseminou para as outras regiões brasileiras.

Penso que o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares. (BARROSO, 2006, p. 22).

Uma das primeiras formas de cordel conhecidas foi a cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, no Estado da Paraíba, no final do século XVIII. Eles criaram as sextilhas sete silábicas¹. O poeta Agostinho Nunes da Costa (1797-1858) foi o primeiro cantador conhecido de tal grupo.

Depois do cordel cantado do final do século XVIII, tem-se registro no final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel. O precursor foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919) e o primeiro folheto localizado é deste poeta

¹ Sextilhas é a classificação dada aos folhetos com seis versos em cada estrofe; septilhas, sete versos; quadra, quatro versos e assim por diante. A divisão silábica também é importante para a métrica do cordel. Se o cordel começa com sete sílabas poéticas no primeiro verso, os versos restantes também devem ter sete sílabas, o mesmo se aplica se ele começar com quaisquer outras quantidades de sílabas poéticas.

e data de 1893. A partir daí, a literatura de cordel passou a ser, além de cantada, também escrita.

Apesar de alguns estudiosos relacionarem os folhetos nordestinos com os cordéis portugueses, esse gênero de poesia não foi criado em Portugal. Há indícios de várias formas de literatura, em vários locais do mundo, dos tempos da Grécia Antiga, passando pela Idade Média até chegar à contemporaneidade. Existem elementos africanos, indígenas, de alguns países europeus como França e Espanha, e de alguns países americanos de língua espanhola em nossos folhetos. Além disso, variantes do gênero épico (como os romances de cavalaria, de costumes, epopéias), as histórias bíblicas, as fábulas, os fatos cotidianos (que inspiram os folhetos noticiosos ou circunstanciais) e outras formas de narrativa enriquecem os temas dos folhetos brasileiros.

Mesmo com afirmações de vários autores de estudos sobre literatura de cordel de que há a influência de várias partes do mundo em nossos folhetos, os cordelistas falam dessa poesia como “puramente brasileira”. Barroso (2006, p. 30), explica que nessa afirmativa dos poetas “está implícito um aspecto muito importante da formação e reconstrução da cultura popular: a ressignificação da cultura européia em terras brasileiras”. Por isso, ela continua conceituando a “cultura como resultado de um processo contínuo, onde se inserem os significados das práticas sociais da vida diária do indivíduo”.

Com a influência das sextilhas sete silábicas dos poetas da região do Teixeira, os cordelistas nordestinos exaltaram como heróis de seus folhetos os cangaceiros, personagens que eram do cotidiano deles. Pouco anos depois, as notícias dos veículos jornalísticos já começariam a ter espaço nas temáticas dos folhetos.

2.2 Disseminação do cordel no Brasil

O auge da literatura de cordel no Brasil ocorreu na década de 1930. Segundo Galvão (2001), nessa época ocorreu a montagem das “redes de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta”. O editor que se destacou nessa época foi João Martins de Athayde. Ele adquiriu toda a obra de

Leandro Gomes de Barros por meio do genro do poeta, Pedro Batista, também editor, que cuidou da obra de Leandro de Barros após a sua morte.

Nessa época do auge da literatura de cordel, nas décadas de 1930 e 1940, os folhetos eram uma espécie de lazer e informação, que socializava as pessoas que se uniam para ouvi-los. Diegues Jr. (1977, p. xvii) fala da importância do cordel que divulgava as notícias, conhecido como cordel circunstancial:

Instrumento de comunicação, alargou-se depois à divulgação dos fatos acontecidos, coisas de que a população não podia ter conhecimento senão por essa forma. Rádio não existia; jornal era raro. Quando este chegava, levado dos grandes centros – Recife ou Fortaleza, por exemplo – com o atraso normal dos meios de transporte de então, já o folheto se antecipava na divulgação do fato. Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares.

Sobre a importância do cordel na primeira metade do século XX, Viviane Resende (2005, p. 99) em sua dissertação chama o cordel de 'jornal do Sertão'. Para ilustrar, ela usa o depoimento de um de seus cordelistas entrevistados, Gonçalo Ferreira da Silva:

A partir de 1920, até chegar o momento culminante da literatura de cordel do Nordeste como veículo de comunicação, o folheto de cordel superou todos os veículos existentes no momento, até mesmo o jornal. Era muito comum chegando as velhas locomotivas, as marias-fumaças, madrugarem nas estações ferroviárias naquele tempo, trazendo jornais com as notícias de maior impacto social e os camponeses dizendo: 'Não, rapaz, isso é conversa de jornal, rapaz! Você não acredite! Você só acredite se sair no cordel, no folheto, no fim da semana'. E assim foi com a própria morte de Getúlio Vargas na década de 50, em 54, né? E mais anteriormente com a morte de Corisco em 1940, com a morte do Lampião em 1938. E o pessoal não deu crédito nenhum aos jornais. O pessoal só dava crédito se realmente aparecesse uma notícia na literatura de cordel. E nesse fato da morte de Corisco, quando ele faleceu no dia 27 de maio de

1940, o pessoal desacreditou na notícia que o jornal trouxe. E só veio realmente ratificar com segurança a morte de Corisco quando, no fim da semana, saiu o folheto do Moisés Matias de Moura anunciando em ‘martelo agalopado’ a morte de Corisco.

A partir da década de 1950, com a grande migração de nordestinos para o Centro-Sul, a literatura de cordel foi propagada nessa região. Os cordelistas entrevistados por Assis Ângelo justificam essa migração pela maior facilidade de venda de folhetos no local: “Tanto no Rio como em São Paulo é muito mais fácil ganhar dinheiro do que no Nordeste.”

Porém, na década de 1960, o cordel passou por uma crise, sendo o interesse por ele retomado nos anos 1970. Mas uma grande transformação ocorreu nessa literatura. Um público mais letrado começou a se interessar.

Galvão (2001) registra que tanto por turistas quanto por universitários brasileiros e estrangeiros, o cordel passou a ser uma fonte de lazer e estudo. Os folhetos, antes só vendidos em feiras pelo próprio cordelista, passaram a ter maior distribuição pelas editoras, com grande espaço em livrarias e lojas de artesanato.

Os cordelistas entrevistados por Resende (2005, p. 100) comentam dessa modificação importante na história do cordel:

Está havendo uma procura muito grande, até costume dizer que o cordel mudou de público. Porque, a partir do momento que a televisão penetrou no interior do estado, as pessoas mais velhas raramente lêem cordéis. Elas querem ver a novela, ver o filme. E hoje o público das escolas, que eu acho que é o novo público do cordel, é um público que eu acho interessante, a gente aposta nesse público porque é uma nova geração. Quem sabe vai surgir atrás dessa nova geração novos poetas para dar continuidade à nossa cultura? Então eu acho que o cordel nunca morreu. Esteve num embate, aí houve uma renovação (Rouxinol do Rinaré).

Eu acho que o que houve mesmo foi uma mudança grande. Porque você analisa o seguinte: antigamente o folheteiro pegava o seu poema, seus folhetos, ia para a feira livre. Chegava lá, ele tinha que cantar aquele folheto para o público. Porque o público era 80 a 90%

analfabeto. Então, uma coisa é você lidar com um público dessa natureza. Hoje, por exemplo, é exatamente o oposto. Eu acho que houve realmente uma revolução porque o público mudou, né? (Klévisson Viana).

Não só os consumidores da poesia popular mudaram, os poetas também. Abreu (1999) registra que a maior parte dos cordelistas das três primeiras décadas do século XX nasceu na zona rural e teve pouca ou nenhuma instrução formal. Os cordelistas contemporâneos, assim como os consumidores de cordel hoje, têm maior acesso à cultura letrada. A maioria deles possui conhecimentos nas mais variadas áreas e escrevem sobre diversos assuntos com categoria.

Porém, mesmo sendo disseminados para diferentes públicos, os folhetos perderam lugar para as mídias mais difusoras. Sobre isso, os poetas entrevistados por Resende (2005, p. 103) comentam:

“A literatura de cordel foi afogada por um período, por um determinado período com a evolução da informação. Afogada pela invasão da informação, o imediatismo da informação. E, veja bem, como entretenimento muito mais ainda” (Manoel Monteiro).

“Antigamente eu vendia muito mais, é. O povo do campo não tinha uma TV. Hoje todo mundo tem. A TV Globo, eu penso que é a maior inimiga do poeta popular” (José Costa Leite).

“Porque, antigamente, o cordel narrava primeiro, mas aí não tem como porque a imprensa está muito evoluída” (Rouxinol do Rinaré).

No entanto, por causa dessas tecnologias, o cordel acabou se adequando às novas mídias. Em sua discussão entre a tradição e a mídia, Thompson (1998, p. 160) explica que “a tradição não foi destruída pela mídia, mas antes transformada ou ‘desalojada’ por ela”. Exemplos disso são as revistas e jornais que nos últimos anos publicaram várias matérias falando sobre literatura de cordel, sobre como são as manifestações dessa cultura, como é difundida em seus vários meios etc. Até a famosa peleja, que é o conflito poético cantado pelos cordelistas em rodas de

pandeiro e viola, foi adaptada à internet. Poetas populares, por meio de programas de bate-papo fazem versos de cordel em tempo real, enviam, e depois esperam a resposta do cordelista que está do outro lado, como aconteceu em *A grande peleja virtual de Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré*. É a literatura tradicional se adaptando aos novos meios.

Um dos grandes pontos de venda de cordel são feiras do livro, com bancas só de folhetos. O testemunho da editora de cordel Ana Ferraz ilustra a reação de algumas pessoas à literatura popular:

Aqui na Bienal [Bienal do Livro de Recife] mesmo eu senti um preconceito por parte dos próprios professores, eu não sei se era preconceito ou se era ignorância, porque não sabiam o que é literatura de cordel. Porque as crianças queriam encostar e eles puxavam pra ver aquelas coisinhas da *Disney*, onde tivesse uma editora que tivesse aqueles livrinhos de Branca de Neve, Cinderela, esses clássicos. E o cordel mesmo só quem procurava eram os pesquisadores, jornalistas, as pessoas com uma visão mais ampla, mas os próprios professores eu achei de uma ignorância que eu acredito que é porque não sabem explicar e falar sobre o cordel e a xilogravura, né? Eu fiquei com uma pena danada, logo aqui em Recife... Estar há 12 anos lutando com isso e ver os próprios professores com esse preconceito.²

Esse depoimento da editora de cordel lembra a discussão de Jameson (2001) a respeito da faceta cultural da globalização. Para Jameson (2001, p. 54), o imperialismo cultural americano pode estar na origem da destruição de tradições culturais que “representam acomodações recentes de velhas instituições à tecnologia moderna”, como é o caso do cordel. José Costa Leite também fala dessa desvalorização que a cultura popular às vezes sofre por parte dos mais jovens, quando afirmou não serem raras as situações em que “rapaz de dez, doze anos sai mangando do cordel” (Resende, 2005, p. 15).³

² Depoimento retirado da Dissertação de Mestrado de Viviane de Melo Resende (2005, p. 109).

³ Depoimento retirado do artigo *A relação entre literatura de cordel e mídia*, de Viviane de Melo Resende.

3. Gêneros do cordel

3.1 Modalidades

A literatura de cordel pode ser cantada ou escrita. As antigas cantorias de viola são muito conhecidas como repentes – poemas improvisados – que compreendem os desafios poéticos ou pelejas, as canções e os poemas cantados. Essas cantorias, transferidas para a forma escrita, formam outro gênero de cordel: os folhetos. Tudo é uma forma poesia só, a literatura de cordel, mas expressa de formas diferentes.

Por ser uma cultura de primor oral, nunca se podem deixar de lado suas normas de metrificação e rimas. Eram por essas normas que as pessoas se guiavam para determinar se um poema era ou não cordel. Para melhor ilustrar essas regras do cordel, apresentam-se, abaixo as formas dessa poesia de acordo com Batista e Linhares (1982, p. 23-39). Eles falam em seu estudo que a poesia popular apresenta 36 modalidades. Abaixo, dentre as mais importantes, estão especificadas quatro:

3.1.1 Sextilha:

A Sextilha é uma estrofe com rimas deslocadas, constituída de seis versos de sete sílabas. Na Sextilha, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos. Leandro Gomes de Barros, grande escritor da Literatura de Cordel do Estado da Paraíba, escreveu:

Meus versos inda são do tempo
 Que as coisas eram de graça:
 Pano medido por vara,
 Terra medida por braça,
 E um cabelo da barba
 Era uma letra na praça.

3.1.2 Sete Linhas ou Sete Pés (Septilha):

No início do século atual, o Cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador fez uma adaptação à Sextilha, criando o estilo de sete versos,

também chamado de sete linhas ou de sete pés⁴, rimando os versos pares até o quarto, como na Sextilha; o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto. Exemplifiquemos com o próprio criador do gênero:

Amigo José Gonçalves,
Amanhã cedinho, vá
A Coatis, onde reside
Compadre João Pirauá;
Diga a ele dessa vez,
Que amanhã das seis a seis,
Deus querendo, eu chego lá!

3.1.3 Décima:

Embora de origem clássica, é a Décima um estilo muito apreciado, desde os primórdios da Poesia Popular, principalmente por ser o gênero escolhido para os motes, onde os cantadores fecham cada estrofe com os versos da sentença dada, passando a estância a receber a denominação de glosa. Como o próprio nome diz, Décima é uma estrofe ou estância de dez versos de sete sílabas, assim distribuídos: o primeiro rima com o quarto e o quinto; o segundo, com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo, e o oitavo, com o nono. De Antônio Ugolino Nunes da Costa (Ugolino do Sabugi), primeiro grande Cantador brasileiro, uma estrofe, em Décima, de seu famoso poema *As obras da Natureza*:

As obras da Natureza
São de tanta perfeição,
Que a nossa imaginação
Não pinta tanta grandeza!
Para imitar a beleza
Das nuvens com suas cores,
Se desmanchando em louvores
De um manto adamascado,
O artista, com cuidado,
Da arte, aplica os primores.

3.1.4 Martelo agalopado:

O Martelo atual, criação do violeiro paraibano Silvino Pirauá Lima, é uma estrofe de dez versos, em decassílabos, obedecendo à mesma ordem de rima dos

⁴ Pé - denominação dos cordelistas para “verso” ou “linha” de um cordel. O nome “verso” geralmente é usado pelos cordelistas para denominar o que chamamos de estrofe. Neste trabalho, a palavra verso é utilizada com o seu significado convencional de linha de poema.

versos da Décima. Todavia, sua denominação não vem do fato de ser empregado como meio de os contadores se martelarem durante suas pugnas. Sua significação está ligada ao nome do diplomata francês Jaime de Martelo, nascido na segunda metade do século XVII, que foi professor de literatura na Universidade de Bolonha, portanto, o criador do primeiro estilo. Jaime de Martelo suprimiu duas linhas finais da Oitava de Ariosto, ou Oitava camoniana, formando o que se denominou de Martelo cruzado, isto é, no Martelo antigo a primeira linha rima com a terceira e a quinta; a segunda, com a quarta e a sexta. O exemplo deste gênero está na estrofe do paraibano José Camelo de Melo Rezende:

O orgulho nasceu em noite escura,
E é filho da triste ignorância,
Ao descer o seu corpo à sepultura,
Cai-lhe verme por cima, em abundância,
E seu todo se torna uma figura,
Que nos causa a maior repugnância.

Depois, como variante, apareceu o Martelo com rimas destacadas, também denominado de Martelo solto ou de Sextilha em decassílabo. O diplomata brasileiro Francisco Otaviano utilizou-se deste gênero para cantar suas "Ilusões da Vida":

Quem passou pela vida em branca nuvem,
Num plácido repouso, adormeceu;
Quem não sentiu o trio da desgraça,
Passou pela vida e não sofreu:
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida e não viveu.

Feitas essas considerações sobre os Martelos de seis versos, o próximo exemplo é o estilo atual, variante da Décima, criação do violeiro Silvino Pirauá Lima, conforme estrofe do poeta Lira Flores:

Quando as tripas da terra mal se agitam,
E os metais derretidos se confundem,
E os escuros diamantes que se fundem,
Da cratera ao ar se precipitam.
As vulcânicas ondas que vomitam
Grossas bagas de ferro incendiado,
Em redor, deixam tudo sepultado
Só com o som da viola que me ajuda,
Treme o sol, treme a terra, o tempo muda,
Eu cantando Martelo agalopado.

3.2 Aplicação das normas

Dos gêneros de cordel acima, a sextilha é o mais usado. Mas outras modalidades de poemas também se destacam, como as quadras, tradicionais de Portugal, a septilhas, as décimas e muitas outras. Como já citado, os folhetos brasileiros seguem uma forma rígida. E essas normas de estrofes, versos e rimas são analisadas rigorosamente pelo público e pelos poetas. O editor de cordel e cordelista Klévisson Viana registra:

Eu sempre digo que para um camarada se estabelecer e ser tornar um poeta bom, considerável, que conquista algum respeito, ele tem que conhecer os clássicos. Que tem um cânone. Que tem que ser obedecido, tem que ser seguido. Os mestres do passado já estabeleceram as técnicas de métrica, rima, oração... Se você não obedece essas coisas, você está fazendo outra coisa. Está fazendo tudo, menos cordel. Porque cordel, para ser cordel de verdade, tem que obedecer as regras. Porque é assim que foi estabelecido pelos poetas que nós consideramos os clássicos, como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, João Ferreira de Lima, José Camelo de Melo Resende. Porque se é para fazer o que a gente chama de literatura de cordel, tem que seguir por esses caminhos.⁵

Ainda sobre a importância das regras rígidas do cordel, J. Borges critica os intelectuais que se aventuram em escrever cordéis:

No tempo que o povo era analfabeto, mas conhecia o cordel e conhecia a rima, quando a pessoa lia um cordel que a rima quebrava, o cara analfabeto já dizia logo: 'Epa, aí ta errado'. Agora não, agora o povo todo sabe ler, mas não entende, passa por cima da rima errada. (...) Aí aquilo ofende muito o cordel. Eu gostaria que esse povo, esses professores, doutores, esse povo ficasse só lendo o cordel e não metesse a escrever porque está esculhambando o ambiente. E tem uns professores que inventam de escrever cordel, faz até graça. Porque aí eles se agarram com a gramática e se

⁵ Depoimento retirado da Dissertação de Mestrado de Viviane de Melo Resende (2005, p. 91).

esquecem que não existe gramática para um cordel. A gramática do cordel é a rima positiva e as sílabas medidas. Aí dá o verso, dá o tempero da poesia. E eles se agarram muito com a gramática e aí botam palavras, botam linhas bem grandes que é para obedecer a frase e depois larga ponto, larga vírgula, ponto e vírgula, não-sei-o-quê, não-sei-o-quê. E quando termina a gente não tem nada. A nata da poesia foi embora.⁶

Hoje já não se faz muito o cordel tradicional, com suas histórias românticas, épicas e cheias de fantasias. Os cordelistas passaram a explorar mais o cordel circunstancial. Isso é atribuído ao fato das novelas televisivas terem tomado o seu lugar. Depois de chegar a TV no interior do Nordeste, os cordelistas não conseguiam competir com ela. O hábito de reunir as pessoas nas casas para ouvir os romances em folhetos foi se perdendo.

Outro papel social desempenhado pelo cordel tradicional no seu apogeu era a de alfabetização de forma autodidata. Sobre isso, Galvão (2001, p. 186) comenta:

Os depoimentos parecem indicar que a alfabetização por meio do cordel dava-se de maneira autodidata: através da memorização dos poemas, lidos ou recitados por outras pessoas, o “alfabetizando”, em um processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, procedia, ele mesmo, à aprendizagem inicial da escrita. Em outros casos, o folheto aparece como o principal motivador para que os meios formais de aprendizado da leitura e da escrita fossem procurados.

Resende (2005, p. 102) registra que:

Com a expansão do sistema formal de ensino e com a ‘despopularização’ do cordel, essa função social relacionada à alfabetização e ao primeiro contato com a cultura letrada desaparece. Hoje se procura resgatar a utilização da literatura popular em sala de aula, não como auxiliar nas primeiras letras, mas como atividade de leitura e valorização da cultura nacional.

⁶ Idem.

Um exemplo disso é o livro *Cordel na sala de aula*, que contribui para a divulgação e apreciação da literatura de cordel no espaço escolar.

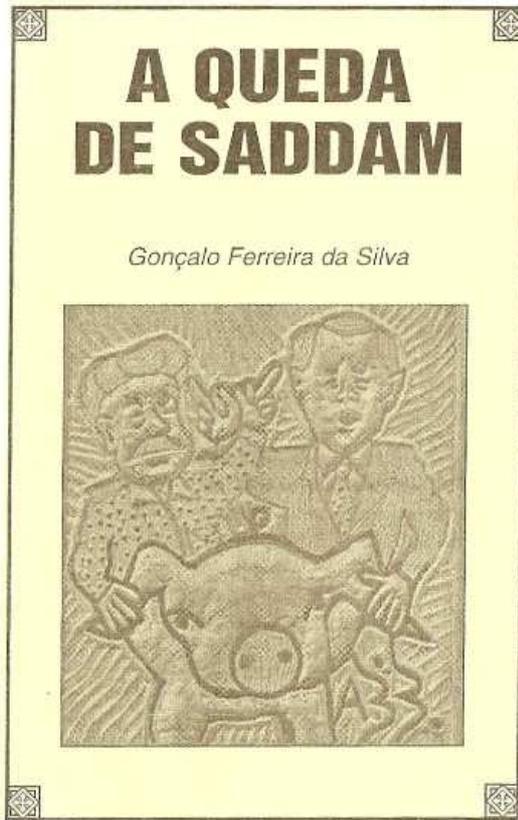
O cordel contemporâneo tem uma intensa participação nas questões sócio-políticas atuais. Os poetas costumam escrever folhetos de oito páginas, buscando inspiração em fatos que estão na mídia e se informam por jornais, TV, rádio etc.; produzindo os folhetos intitulados por ele como circunstanciais. Esses folhetos trazem uma grande bagagem noticiosa, na forma de poesia de cordel e com grande participação do autor, que a todo tempo dá sua opinião sobre aquele acontecimento. Esse cordel influenciado pela mídia pode encaixar os cordelistas como cronistas populares da contemporaneidade.

3.3 A xilogravura no cordel

Grande importância é dada na literatura de cordel à escolha dos títulos dos folhetos e à ilustração das capas, pois são eles, obviamente, o chamariz para o leitor e é por meio deles que começa a ser difundida a informação que o cordelista pretende transmitir.

Na história da literatura de cordel brasileira, a xilogravura sempre esteve presente para ilustrar as capas dos folhetos, dando destaque aos seus temas. Esta técnica é um processo artesanal no qual as matrizes de impressão são esculpidas em madeira. A etimologia da palavra xilogravura vem do grego *xilon* (madeira) e *grafó* (escrever), sendo assim a xilogravura pode ser entendida com a arte de escrever com madeira. Pois as madeiras, após esculpidas com a figura desejada, funcionam como carimbo no processo de impressão. Alguns cordelistas fazem a xilogravura de seus próprios folhetos e essa cultura é passada de geração em geração por eles.

O folheto utilizado para análise neste trabalho *A queda de Saddam* tem na sua capa a ilustração feita com xilogravura:



Já os outros dois folhetos também utilizados para análise neste trabalho usam uma forma mais moderna para ilustração. O primeiro é um desenho feito provavelmente à mão ou no computador e o segundo é uma fotografia. Prova que o cordel mantém suas raízes, mas também se adapta às novas tecnologias da informação:

O planeta Terra pede socorro

Izaias Gomes de Assis



FOLHETO DE CORDEL

ISABELLA

O CRIME QUE ABALOU O BRASIL
POETA BOQUINHA DE MEL



☆ 18/04/2002
† 29/03/2008

TIRAGEM PARA COLECIONADORES - NATAL/RN, 23 de abril de 2008

4. Jornalismo opinativo

4.1 A opinião no jornalismo

De acordo com José Marques de Melo (2003, p. 62), embasado nos estudos de Luiz Beltrão sobre gêneros jornalísticos, pode-se classificar o jornalismo brasileiro em “categorias que correspondem à intencionalidade determinante dos relatos através de que se configurem”. Assim, identificam-se duas vertentes: a reprodução do real – jornalismo informativo – e a leitura do real – jornalismo opinativo. O jornalismo teria, portanto, duas funções primordiais: a informação – saber o que passa – e a opinião – saber o que se pensa sobre o que passa. O autor acrescenta que esta denominação se aproxima da dualidade em mensagens classificada pelos lingüistas como denotação e conotação. Aqui, dar-se-á ênfase a conotação como um discurso figurado do real e com a finalidade de opinião na linguagem do jornalismo. E o cordel estaria, também, inserido como meio de informação bem próximo a esse gênero jornalístico opinativo.

Assim, expressar a opinião em veículos jornalísticos tornou-se uma peça chave do jornalismo na contemporaneidade para aproximar emissor e receptor das mensagens. E por saber que o receptor pode escolher determinados veículos, ou ter afinidade com determinados formadores de opinião, a mídia passa a entender que não há ingenuidade por parte de quem recebe a informação. A “massa” não é tão homogênea como se pensava até o final do século XX, ela agora expressa opiniões em relação aos veículos e ao que está em pauta na mídia. Por isso há a importância de na televisão e no rádio, após as notícias de maior impacto, haver os comentaristas, que são geralmente jornalistas especializados no assunto abordado.

Havendo então as notícias e reportagens como gêneros do jornalismo informativo, no jornalismo opinativo há o editorial, aonde são expressas as opiniões institucionais das empresas de revistas e jornais. Há também os artigos, que expressam a opinião de colaboradores; a coluna, que é geralmente um espaço fixo de determinado jornalista ou especialista de alguma área; a caricatura e a charge, que usando principalmente a ilustração, costumam fazer críticas, expressando opinião de forma satirizada; as cartas, que são enviadas pelos leitores e o que mais interessa a este estudo, a crônica.

4.2 A crônica

A etimologia da palavra crônica vem do grego *chronos*, que significa tempo. Dentre os significados para crônica do *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda (1986, p.503), os dois mais importantes para este estudo são:

- *Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica;*

- *Texto jornalístico redigido de forma livre pessoal, e que tem como temas, fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana.*

Segundo Bender e Laurito (1993, p.11), “a crônica é sempre um resgate do tempo”. Sendo assim, o cronista “não deixa perecer no tempo a matéria fugaz da vida, registrando-a e salvando-a do esquecimento”.

Um dos primeiros registros históricos da crônica foi em 1434, quando Fernão Lopes foi nomeado cronista-mor do Reino de Portugal. Ele tinha a obrigação de escrever de forma poética as histórias dos grandes feitos dos antigos reis de Portugal. Esses textos eram chamados de “*caronyca*”, ou seja, crônica. Dessa forma, o ano de 1434 passa a ser um marco para o gênero da crônica. Bender e Laurito registram que (1993, p.12):

o cronista – que já vinha desde a Idade Média – passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica, matéria essa que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos ‘*cronicões*’ medievais, para ater-se aos fatos e à interpretação desses fatos.

A pré-literatura da história brasileira, em si, começa com uma crônica, que é o gênero que vários estudiosos da literatura consideram a carta de Pero Vaz de Caminha. O escrivão da armada de Pedro Álvares de Cabral relata através dessa carta ao rei Dom Manuel a descoberta do Brasil em 1500. Dessa forma, Caminha é um cronista contemporâneo da realidade de 1500, pois conta de forma fatídica e poética a realidade brasileira daquele tempo. Outra figura célebre da história também considerada um cronista foi José de Anchieta, que documentava os passos

da catequese, mas também não deixava de dar notícias e fazer comentários sobre a terra e as pessoas que nela habitavam.

O gênero que deu origem a crônica de acordo com Bender e Laurito (1993) foi o folhetim-variedades. Diferentemente do folhetim-romance, que era um espaço nos jornais para os textos ficcionais, os quais precederam radionovelas e telenovelas, o folhetim-variedades publicado na imprensa do século XIX registrava e comentava as matérias que saíam sobre a vida cotidiana no país.

Os grandes folhetinistas, ou seja, cronistas, do século XIX foram os escritores Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia, Olavo Bilac e outros. Muitas pessoas compravam os jornais graças ao sucesso dos folhetins desses autores, que faziam a diferença na forma que escreviam seus textos.

Já no século XX, os cronistas que se destacaram foram Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Nelson Rodrigues e outros. Em suas crônicas é possível sentir os ecos dos folhetinistas do século XIX. A forma de se escrever, de se abordar os assuntos da atualidade é muito parecida entre os escritores das duas épocas. Tanto os cronistas quanto os folhetinistas têm uma abordagem romântica, poética e nostálgica da realidade; além de relatar o que observam com um olhar diferenciado, também criticam as matérias em destaque na mídia.

De acordo com Bender e Laurito (1993, p. 57), pode-se classificar a crônica na literatura brasileira pela natureza do assunto ou pelo movimento interno. Assim, há: “a crônica narrativa, cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto”, muito usada por Fernando Sabino; “a crônica metafísica, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens”, utilizada por Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade; “a crônica-poema em prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos”, dessa forma se aproveita Rubem Braga e Manuel Bandeira por exemplo; e “a crônica-comentário dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, ‘o aspecto de um bazar asiático’, acumulando muita coisa diferente ou díspar”, esta forma podemos encontrar em obras de José de Alencar, Machado de Assis e outros.

Aproximando mais a crônica da contemporaneidade, tem-se a denominação de Marques de Melo (2003, p. 148):

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrado equivalente na produção jornalística de outros países.

Apresentando esse breve histórico, este trabalho assemelha, assim, a literatura de cordel brasileira à crônica. Não só porque as duas têm características tão próprias nacionais, mas também porque dentre os estilos de cordel, como já dito, tem-se o cordel circunstancial, que trata de fatos. A crônica, dentre os estilos de jornalismo opinativo, é a de texto mais poético, fala de acontecimentos, mas fica clara a opinião do cronista. Como os cordéis circunstanciais, nos quais os poetas expressam a sua opinião sobre determinado assunto que está pautado na mídia, fazendo sua crítica quase sempre de forma satirizada, mostrando revolta, tristeza, admiração, enfim, diversos sentimentos são postos à tona nos versos dos cordéis.

O cordelista é o cronista popular. Por ter a sua maneira simples de escrita e pelos preços populares que os folhetos são vendidos, a literatura de cordel sempre fez e fará importante papel na inclusão social. E apesar de toda essa imagem de simplicidade, ao ler um cordel circunstancial, fica clara a experiência de vida daquele cordelista, o conhecimento dele de diversas áreas e o seu grande senso crítico.

5. Análise de folhetos

5.1 Folhetos circunstanciais

São analisados, abaixo, três exemplos de folhetos circunstanciais, ou noticiosos, para ilustrar essa modalidade da literatura de cordel que fala sobre assuntos pautados pela mídia. Ilustrando, como já dito no capítulo anterior, o cordelista como cronista popular.

No folheto de maio de 2003, *A queda de Saddam*, de Gonçalo Ferreira da Silva, percebe-se diversas críticas feitas pelo cordelista, como ao Ditador Saddam Hussein, ao Presidente dos EUA Jorge W. Bush, às guerras e, também, aos ditadores na época do Regime militar no Brasil. O poeta faz um apanhado da história do Iraque e das antigas lendas. O cordel é muito bem contextualizado e ninguém é colocado como bandido ou mocinho. É clara a visão do poeta de que numa guerra ou em um governo absolutista, todos perdem. O poema é escrito em septilhas, dividido em versos de sete sílabas poéticas, com rimas ABCBDDB. Na primeira estrofe, Gonçalo inicia fazendo um comentário pessimista em relação ao futuro num mundo de guerras:

A humanidade sofre
golpe extremamente duro
com a guerra do Iraque
tornando-se prematuro
qualquer tipo de projeto
com ambição de concreto
em relação ao futuro

As nove estrofes que se seguem falam um pouco da história da região do Iraque e também sobre contos bíblicos. Além disso, há a indignação do poeta por haver destruição num local que segundo a bíblia é sagrado.

Na 11ª estrofe, subtende-se que não há razão para quem disputa uma guerra, mas o poeta acredita que as gerações que estão por vir terão mais consciência do que a atual e não estarão presos a estas amarras de conflitos:

Quem tem razão quem não tem
 não vamos nestas alturas
 discutir tais pormenores
 porém gerações futuras
 que chegarão depois desta
 comemoração com festa
 a morte das ditaduras.

Seguindo o cordel, Gonçalo cita em uma estrofe sobre as cicatrizes que carregamos com a ditadura pela qual passou o Brasil e, na continuação, fala também das lembranças ruins que levará por toda uma história o povo iraquiano por causa do regime de Saddam e, em seguida, a guerra que Bush declarou contra o país. Assim, nos versos a seguir, após falar sobre o que aconteceu no Iraque, o poeta dá a sua opinião sobre aqueles que se acham donos do mundo e só pensam em guerras:

Com infinita arrogância
 Bush falou à nação
 dizendo que outros países
 tinham por obrigação
 com a queda de Saddam
 agora e não amanhã
 assimilar a lição.

É uma declaração
 feita à feição de ameaça
 própria de quem ingeriu
 forte dose de cachaça
 que estimula o sadismo
 de quem tem um atavismo
 ancestral para a desgraça.

Após algumas estrofes ainda falando sobre a sede de guerra que alguns ditadores têm, Gonçalo mostra sua indignação em relação à Organização das Nações Unidas, que existe para evitar as guerras, mas que fica com esse título só na teoria:

A ONU tenta evitar
 essas guerras suicidas,
 as palavras, entretanto,
 nunca curaram feridas,
 às curas se aconselha
 muito mais à Cruz Vermelha
 do que às Nações Unidas.

O poeta, nas estrofes finais, faz alerta a outros países, inclusive ao Brasil, para tomarem cuidado, pois o presidente que fez guerra no Iraque quer mandar no mundo inteiro.⁷

O próximo folheto é de Izaias Gomes de Assis, de março de 2007 e chama-se *O planeta Terra pede socorro*. Este trata do aquecimento global. Em sextilhas divididas basicamente em sete sílabas e rimas ABCBDB, o poeta, de acordo com várias matérias veiculadas pela mídia sobre o problema, escreveu este cordel para fazer sua crítica sobre o descaso com a natureza, a pouca ação dos governantes e a visão dele de como isso vai acabar.

Na primeira estrofe, Izaias apresenta o problema com uma prosopopéia⁸, dando voz à Terra:

A Terra, nossa morada,
A você pede socorro
Lhe suplicando dizendo:
“Destas vezes eu sei que morro
O homem não está ligando
E não sei a quem recorro”

Além da crítica que o poeta faz, percebe-se também que ele pesquisou ou acompanhou o assunto de alguma forma na mídia. Pois esse folheto é bastante informativo, sem deixar de lado, claramente, a linguagem poética, as normas usadas no cordel e o jogo de ironia que muitos poetas usam. Como nos versos a seguir, que ele informa a causa do aquecimento global na linguagem simples e ao mesmo tempo rica do cordel:

A temperatura média
Desse planeta aumentou
Um grau durante esse século
E a ciência confirmou
Que foi a ação dos humanos
Que nosso clima esquentou.

Lá pro final desse século
Quem tiver vivo vai ver
A temperatura média
Continuamente ascender

⁷ Ver folheto completo no anexo A.

⁸ Figura de linguagem poética que dá vida aos seres inanimados.

Numa média de dois graus
 “O PLANETA VAI FERVER”

Nas estrofes seguintes, Izaias conta o que está acontecendo no mundo por causa do aquecimento global, como o derretimento dos pólos e outros problemas e não isenta ninguém dessa culpa:

Nações ricas, poderosas,
 Que são de primeiro mundo
 Como os Estados Unidos
 Eita povo mais imundo!
 Poluem tanto que eles deixam
 O planeta gemebundo.

Mas não são só eles, não,
 Que destroem o nosso lar
 Nós subdesenvolvidos
 Sabemos contaminar
 O planeta, nossa casa,
 E BOTAMOS PRA QUEBRAR

Alguns versos são escritos com letras maiúsculas para enfatizar de forma sarcástica o que homem faz com o planeta. As expressões “O PLANETA VAI FERVER” e “E BOTAMOS PRA QUEBRAR” também são usadas popularmente para festa, agitação, momentos de entusiasmo, mas o poeta, para satirizar, as utilizou no sentido literal, que são as más ações causadas à natureza.

Izaias cita diversos problemas que estão ocorrendo no planeta Terra e, no final do cordel, fala diretamente com o leitor, para que o apelo seja mais forte e real. De forma crítica e sem muitas esperanças, o poeta se despede:

Coitada de nossa casa
 Pelos moradores seus
 Está sendo destruída
 E no fim dos versos meus
 Já estou me despedindo
 Tchou, PLANETA TERRA, adeus!⁹

O último folheto fala de um assunto que foi bombardeado pela mídia, a morte da menina Isabella Nardoni, de 5 anos, que foi jogada do sexto andar do prédio de onde morava. O folheto, intitulado por *Isabella, o crime que abalou o Brasil*, do poeta

⁹ Ver folheto completo no anexo B.

Boquinha de Mel, é de abril de 2008. Na parte circunstancial do folheto, o poeta conta a história da morte da garota de acordo com o que foi veiculado nos veículos jornalísticos. E na parte da poesia popular, o tempo todo fala de Deus que é um dos traços na história do cordel. Para ilustrar, o cordel inicia:

Peço a Jesus poderoso
tua grande sabedoria
pra falar de Isabella
uma rosa de alegria
que com todo seu amor
nosso Brasil contagia

O poeta fala o dia do crime e como ele ocorreu segundo as versões que saíram na mídia até o momento do folheto ser escrito. Como os folhetos anteriores, este também mostra a pesquisa de leitura e acompanhamento do assunto abordado. O poeta parece sentir a dor da menina e em vários momentos faz apelos por causa de tamanho crime hediondo comparado a menina, que era tão pequena:

A pequena Isabella
Tamanho desproporcional
Foi vítima indefesa
Do pior ato marginal
Um ladrão da vida humana
Um torpe crápula bestial.

Minha pequena Isabella
não pôde se defender
sentimento de pavor
nessa hora viu nascer
um crime sem perdão
não posso compreender.

Em determinada estrofe, o cordelista também acalenta a mãe de Isabella no poema e se mostra profundamente comovido, principalmente por dizer ter uma filha da mesma faixa etária de Isabella, como na estrofe:

Sou pai de uma menina
quase da mesma idade
mesmo tamanho, mesma face
cheia de vitalidade
todas são Isabellas
que amamos de verdade.

Após vários apelos pelo amor e pela valorização da infância, o poeta, na penúltima estrofe, clama por justiça:

A justiça brasileira
punirá os culpados
à pequena Isabella
devemos os resultados
famílias vivam o amor
não vivam isolados.

O poema é de estrofes em sextilhas, predominando os versos de sete sílabas e rimas em ABCBDB.¹⁰

Nos folhetos analisados e nos demais que abordam a temática circunstancial, os cordelistas não criam histórias, eles contam os fatos e criticam de forma poética de acordo com a sua opinião sobre o ocorrido e com a sua vivência. Utilizando também de vários artifícios que a linguagem poética proporciona.

¹⁰ Ver folheto completo no anexo C.

6. Conclusão

Este estudo buscou mostrar que a literatura de cordel representa a realidade, porém de forma metaforizada. O poeta acrescenta a sua subjetividade, sua imaginação ao que vivenciou. E a partir da sua própria dotação cultural, o receptor da poesia a aplica à sua própria existência.

O cordel narra para o povo o que ocorre no dia-a-dia. Sua intensa força de persuasão o tornou um grande veículo disseminador de idéias. Colocar o poeta popular como cronista da contemporaneidade aproxima a poesia das pessoas, fazendo com que a difícil realidade seja decodificada de uma forma diferente, ainda dura, ainda real, mas que leva as pessoas a refletirem de uma forma mais amena.

Há de ser fazer também uma reflexão sobre a idéia de hierarquizar literatura popular e erudita, pois cultura não pode ser compartimentada. Autores tidos como eruditos buscavam inspiração em fontes orais e populares, assim como os poetas de feiras divulgavam em folhetos os escritos de grandes autores consagrados. Por isso, com a circularidade que há em toda expressão cultural, ela não deve ser hierarquizada nem pré-definida e, sim, apreciada sem preconceitos. Assim, essa forma de poesia pode e deve continuar a ser estudada e divulgada por todas as classes sociais, pois de forma acessível, crítica e muitas vezes satirizada, o cordel reflete os problemas sociais, políticos e econômicos do cotidiano do brasileiro.

Os poetas populares, ao longo das décadas, desde a descoberta do primeiro folheto datado de 1893, foram se adaptando ao seu tempo, às novas tecnologias, às tendências e formas de pensar das pessoas. O Brasil, além do seu grande tamanho geográfico, também contém grandes diferenças culturais, de região para região. Se adaptar aos costumes e trejeitos de cada povo é o desafio do comunicador, do formador de opinião e, assim, também, do poeta. Se inserindo como cronista, opinando, divergindo, acrescentando, o poeta popular também deixa a sua marca, conta e faz história. Desde o primeiro folheto de 115 anos atrás, sem contar a poesia puramente oral que existia antes disso, não há como descartar uma rica cultura, onde está inserida a nossa história, que é contada ricamente em detalhes, em beleza, apesar da árdua realidade da região que mais se destacou nela: o Nordeste.

7. Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

BARROSO, Maria Helenice. *Os cordelistas no D.F.: dedilhando a viola, contando a história*. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília – UnB, 2006.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

DIEGUES JR., M. Literatura de cordel. Apresentação a BATISTA, S.N. *Antologia da literatura de cordel*. Natal: Gráfica Manimbu, 1977. pp. I-XXVI.

GALVÃO, A.M.O. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo. *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília – UnB, 2005.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Gêneros da Poesia Popular – Teoria do Cordel. In: LINHARES, Francisco e BATISTA, Otacílio. *Antologia ilustrada dos contadores*. Fortaleza: Edições UFC, 1982. pp. 23-39.

7.1 Folhetos utilizados

ELINALDO GOMES DE MEDEIROS, o “Boquinha de Mel”. *Isabella, o crime que abalou o Brasil*. Natal, RN: Casa do Cordel, 2008.

GONÇALO FERREIRA DA SILVA. *A queda de Saddam*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2003.

IZAIAS GOMES DE ASSIS. *O planeta Terra pede socorro*. Parnamirim, RN: Chico, 2007.

Anexo A

Folheto “A Queda de Saddam”, de Gonçalo Ferreira da Silva.

A humanidade sofre
golpe extremamente duro
com a guerra do Iraque
tornando-se prematuro
qualquer tipo de projeto
com ambição de concreto
em relação ao futuro.

Hamurabi que já teve
a Babilônia ao seus pés
redigiu o grande código
com artigos mais de dez
cujos nobres fundamentos
inspiraram os mandamentos
escritos por Moisés.

Da velha Mesopotâmia
ao Iraque e seus mistérios
vamos localizar antes
os legendários Sumérios
homens rijos, fortes, duros
que inspiraram os futuros
e fabulosos impérios.

Exatamente onde é hoje
território iraquiano
perdido, naturalmente,
do tempo no oceano
viveu o povo sumério
constituindo um império
às ordens de um soberano.

Também tiveram os Assírios
grande participação
na área que compreende
toda aquela região
formando um povo inventivo,
inspirado, criativo
e dado à contemplação.

Najaf, o vale da paz,
do patriarca Abraão,
segundo os textos sagrados
da mais fiel tradição
foi dele a islâmica corrente,
do judaísmo vertente
e o pensamento cristão.

Segundo ainda o relato
Deus teria autorizado
que florescesse um jardim
por Éden denominado
que foi a partir de Adão
o berço da criação
e do primeiro pecado.

Terra dos jardins suspensos
feitos com saber profundo
oscilando à brisa lene
que do palácio no fundo
ondularam feito espuma
e constituídos numa
das maravilhas do mundo.

De Babel a grande torre
erguida poeticamente
numa prova incontestável
de que no velho oriente
(negar-se seria infâmia)
a grande Mesopotâmia
tinha vida inteligente.

Estas considerações
só têm a finalidade
de mostrar que uma guerra
naquela localidade
é um ato vergonhoso
e atentado criminoso
ao berço da humanidade.

Quem tem razão quem não tem
não vamos nestas alturas
discutir tais pormenores
porém gerações futuras
que chegarão depois desta
comemorarão com festa
a morte das ditaduras.

No Brasil nós ostentamos
dolorosas cicatrizes
de vinte assassinos anos
de intermináveis crises,
por causa de ditadores
passamos por muitas dores
nas mãos desses infelizes.

Até as torneiras de ouro
dos palácios de Saddam
servirão como lembrança
para os dias de amanhã,
ao raiar um país novo
compadeceu o povo
no regime de satã.

Ao fim de vinte e um dias
em que milhares de vidas
foram ceifadas nos campos
de confrontos suicidas
hospitais e acampamentos
precisam medicamentos
para milhões de feridas.

Com infinita arrogância
 Bush falou à nação
 dizendo que outros países
 tinham por obrigação
 com a queda de Saddam
 agora e não amanhã
 assimilar a lição.

É uma declaração
 feita à feição de ameaça
 própria de quem ingeriu
 forte dose de cachaça
 que estimula o sadismo
 de quem tem um atavismo
 ancestral para a desgraça.

Daqui para frente o mundo
 terá que avaliar
 as futuras conseqüências
 que a guerra acarretar
 e que não se prevenir
 poderá, em vez de rir,
 ter mil razões pra chorar.

Não devemos, entretanto,
 simplesmente dar ouvidos
 aos que tratam uns de santos
 e a outros de bandidos
 dando a Saddam salvação
 e a crucificação
 para os Estados Unidos.

O quarto de século em que
 Saddam foi o ditador
 a história do Iraque
 é de tortura e de dor,
 de santo ele nada tem
 tal como Bush também
 não é um libertador.

Porém se é com o Bush
 que o mundo vai conviver
 a que avisar ao mundo
 como deve proceder
 porque dentro de um segundo
 o velho e cansado mundo
 pode desaparecer.

A Síria já está na mira
 e outros se seguirão
 como a Coréia do Norte
 e alguns que tem final ão,
 sem justificar os fins
 o mundo tem muitos Bins
 que amam a destruição.

Para os Estados Unidos
 de inteligência perra
 não há o que explicar
 o negócio é fazer guerra

com suas armas mortais
 até que não haja mais
 um único Bin sobre a Terra.

A ONU tenta evitar
 essas guerras suicidas,
 as palavras, entretanto,
 nunca curaram feridas,
 às curas se aconselha
 muito mais à Cruz Vermelha
 do que às Nações Unidas.

Quanto a Síria, por enquanto,
 em situação tranqüila
 sofrer o primeiro ataque
 fulminante que aniquila
 tudo que há pela frente
 antes de ser inocente
 era a primeira da fila.

Assim serão outros povos
 há muito constituídos
 por um motivo forjado
 pelos Estados Unidos
 na homicida escalada
 por um pouco mais ou nada
 serão todos destruídos.

Por tanto muito cuidado
 nobre povo brasileiro
 pois o presidente Bush
 quer mandar no mundo inteiro
 e não sendo mais cabrito
 vai querer fazer bonito
 chegando a pai-de-chiqueiro.

Amigos orientais
 avisá-los é preciso
 as coisas são muito claras
 aí está o aviso
 e nos momentos difíceis
 são mais importantes mísseis
 que propriamente juízo.

O Iraque, por exemplo
 não tinha como vencer,
 com armas obsoletas
 não há como combater,
 sobretudo um combatente
 psicologicamente
 preparado pra perder.

Uma junta militar
 é, na nossa opinião,
 caminho mais indicado
 não para reconstrução
 mas para, em prazo pequeno,
 deixar o clima sereno
 numa curta transição.

Anexo B

Folheto “O planeta terra pede socorro”, de Izaias Gomes de Assis

A Terra, nossa morada,
A você pede socorro
Lhe suplicando dizendo:
“Desta vez eu sei que morro
O homem não está ligando
E não sei a quem recorro”

Ela está sendo arrasada
Por esta má geração
Ta ciente que caminha
Pra total destruição
Graças aos civilizados
Que geram poluição.

A temperatura média
Desse planeta aumentou
Um grau durante esse século
E a ciência confirmou
Que foi a ação dos humanos
Que nosso clima esquentou.

Lá pro final desse século
Quem tiver vivo vai ver
A temperatura média
Continuamente ascender
Numa média de dois graus
“O PLANETA VAI FERVER”

Esquentando nosso clima
Os pólos derreterão
E alguns países do mundo
Grandes males sofrerão
Com inundações constantes
E do mapa sumirão.

Especialistas no assunto
Já prevendo um grande mal
Se reuniram lá na França
Num Congresso Mundial
Deram nome ao tal problema
De AQUECIMENTO GLOBAL.

E enquanto a temperatura
Do planeta está subindo
O oxigênio e a água doce
Eles estão diminuindo
Os recursos naturais
Nós estamos consumindo.

O clima está esquentando
O gelo está derretendo
O mar está avançando
Todo planeta está vendo
Pra reverter esse quadro
O que é que estou fazendo?

Nações ricas, poderosas,
Que são de primeiro mundo
Como os Estados Unidos
Eita povo mais imundo!
Poluem tanto que eles deixam
O planeta gemebundo.

Mas não são só eles, não,
Que destroem o nosso lar
Nós subdesenvolvidos
Sabemos contaminar
O planeta, nossa casa,
E BOTAMOS PRA QUEBRAR

Nós estamos desmatando
Todos campos florestais
Com isso está se acabando
Os recursos naturais
Quando acabar nosso ar
Onde iremos buscar mais?

E na camada de ozônio
Nosso teto natural
Tem um buraco tão grande
Mais um problema global
Que aumenta a radiação
Nos causando muito mal.

As fábricas do planeta
Despejam abertamente
Dejetos na natureza
Que sofre terrivelmente
E o lixo radioativo
Já preocupa muita gente.

A radiação atômica
Outro mal que se aproxima
Está levando as nações
Esquentarem mais o clima
Fabricando algumas bombas
Piores que a de Hiroshima.

Irá sobrar munição
E faltar oxigênio
Quando um louco como o Hitler
Se considerando um gênio
Soltar num reino inimigo
Uma bomba de hidrogênio.

Coitado desse planeta
E de nós seus habitantes
Pois iremos virar pó
Por causa de alguns errantes
Que só visam o poder
Tanto hoje como dantes.

As usinas hidrelétricas
Em prol da modernidade
Submergem fauna e flora
Veja que perversidade
Grande preço a Terra paga
Pra ter eletricidade.

Monóxido de carbono
Provoca males letais
Junto com o CFC
Outro perigoso gás
São daninhos ao planeta
Esses dois materiais.

A sujeira das cidades
Se acumulam aos montões
Nas valas e nos bueiros
Provocando inundações
Nos dias de chuva forte
Trazendo complicações.

Mais dum quilo de sujeira
Um ser humano produz
Por cada diária dele
Na Terra que se reduz
A lixões e mais lixões
Fartura pros urubus.

Saindo das residências
Tanto lixo e podridão
Juntam-se para formar
Um aterro ou um lixão
E para os lençóis freáticos
Levam contaminação.

No campo também se vê
Queimadas e a erosão
Tomando conta de tudo
Por falta de informação
E também inseticidas
Trazendo poluição.

A sujeira aqui embaixo
Já está fazendo mal
E o Homem achando pouco
Lá no Espaço Sideral
Contamina nossa órbita
Com o lixo espacial.

Nossos rios estão cheios
De resíduos industriais
Os peixes sumiram todos
E os grandes canaviais
Substituem nossas matas
E exterminam os animais.

Pros pescadores nativos
Emprego não tem mais não
Pois nos mangues e lagoas
A natural criação
De caranguejo e de peixe
Deu lugar ao camarão.

Nossas matas e florestas
Estão sendo desmatadas
Substituídas por
Avenidas ou estradas
Enquanto progresso segue
As montanhas são devastadas.

As Escrituras previam
Essas tais calamidades
Que hoje está assustando
Nos trazendo enfermidades
Pergunto eu neste folheto
Cadê as autoridades?

Vai chegar um dia então
Quando tudo se acabar
Que a soberba e a avareza
Nós iremos respirar
E comeremos dinheiro
Se quisermos escapar.

Amigo estou lhe alertando
Neste pequeno cordel
Você que vive no luxo
Numa Torre de Babel
Tudo será destruído
Inclusive teu quartel.

Também digo pra você
Morador de palafita
A humanidade é um filme
Que está no fim da fita
A extinção está chegando
Pra essa Terra tão bonita.

Coitada de nossa casa
Pelos moradores seus
Está sendo destruída
E no fim dos versos meus
Já estou me despedindo
Tchau, PLANETA TERRA, adeus!

Março de 2007.

Anexo C

Folheto “Isabella: o crime que abalou o Brasil”, do Poeta Boquinha de Mel.

Peço a Jesus poderoso
tua grande sabedoria
pra falar de Isabella
uma rosa de alegria
que com todo seu amor
nosso Brasil contagia.

Jesus, pai poderoso
dai-me sua inspiração
coloca na minha mente
sua majestosa unção
relatando o ocorrido
da triste situação.

Como pode, meu Senhor
crime bárbaro ocorrer
é um ato vil e brutal
contra um inocente ser
na flor da sua idade
no início do seu viver.

O Brasil em comoção
não consegue suportar
é um baque muito grande
pra gente agüentar
Isabella, minha princesa
você mora em nosso lar.

Uma triste história
numa noite aconteceu
vinte e nove de março
fato brutal sucedeu
do ano dois mil e oito
assim relatarei eu.

No edifício London
de São Paulo capital
zona norte da cidade
classe média social
aconteceu o assassinato
de um ser angelical.

Era quase meia noite
lua e estrela reluzente
testemunhas oculares
de uma mente demente
ceifando bela vida
de uma rosa contente.

Quanta atrocidade
quanto ódio, meu Senhor
quanta brutalidade
quanta falta de amor
no coração dos assassinos
que agiram com rancor.

A pequena Isabella
Tamanho desproporcional
Foi vítima indefesa
Do pior ato marginal
Um ladrão da vida humana
Um torpe crápula bestial.

Minha pequena Isabella
não pôde se defender
sentimento de pavor
nessa hora viu nascer
um crime sem perdão
não posso compreender.

Jogada pela janela
do quarto, no sexto andar
mãos sujas de sangue
a perícia veio comprovar
caiu morta na grama
um fato de desolar.

Chamaram a ambulância
tentaram Isa reanimar
a vida ia fugindo
não pude acreditar
foram trinta minutos
não conseguiram salvar.

A mente do assassino
agindo com crueldade
exterminando Isabella
com extrema atrocidade
um horrendo ser humano
nasceu pra fazer maldade.

Quem será o assassino
a televisão relata:
é o pai e a madrasta
pois a perícia constata
investigação minuciosa
registrada nessa data.

Ao Senhor do universo
quero agora perguntar
será isso verdade
como estão a divulgar?
Se for, é crime bárbaro
a perícia vai confirmar.

Todo povo brasileiro
quer logo uma solução
pra o crime bizarro
que chocou nossa nação
em todos os rincões
abalou nosso coração.

Multidões país a fora
estão diariamente a clamar
por uma justa justiça
que venha agora julgar
os culpados pelo crime
impunes não podem ficar.

Uma mãe em desespero
como posso consolar
Ana Carolina de Oliveira
eternamente a chorar
a perda da sua princesa
que aprendemos a amar.

Mamãe, tenha forças
Isabella está a dizer:
"eu sempre estou contigo
em todo alvorecer
creia em Jesus Cristo
que está a te suster"

Nosso Brasil em oração
a Deus está a pedir
conforto para família
no caminhar, viver e agir
solidariedade de um povo
no meu coração faz sentir.

Ser humano predador
como pôde cometer
essa tamanha barbárie
não posso nem descrever
contra uma inocente
infantil no seu viver.

A polícia trabalhando
com afinco e exaustão
a perícia examinando
tirando a conclusão
pai e madrasta culpados
onde chegaremos irmão?

Sou pai de uma menina
quase da mesma idade
mesmo tamanho, mesma face
cheia de vitalidade
todas são Isabellas
que amamos de verdade.

Olhando minha princesa
posso agora perceber
o amor de uma filha
existência do prazer
de uma família feliz
unida pelo amor e viver.

Abraçando minha rosa
uma cachoeira vem fluir
nesse frágil coração
está prestes a sucumbir
vendo tal crime hediondo
não conseguimos dormir.

Nem as ciências humanas
vão conseguir explicar
por um motivo banal
alguém essa vida tirar
de um anjo do Senhor
que estava a escutar.

Mais amor no coração
todos precisamos ter
muita paz e harmonia
vamos juntos conhecer
começando amando o próximo
nossa razão de crescer.

Isabella, meu jasmim
sempre de ti vou lembrar
és uma pérola preciosa
maravilhosa a contemplar
esse solo brasileiro
vem te homenagear!

Resgatando o amor
na família brasileira
com seu aroma de jasmim
durante a noite inteira
és Isabella, uma menina
uma princesa, uma guerreira.

Uma semente plantada
foi a sua expiação
dolorosa para todos
que amamos com devoção
sorriso lindo e bela
que contagiou a nação.

A justiça brasileira
punirá os culpados
à pequena Isabella
devemos os resultados
famílias vivam o amor
não vivam isolados.

Agradeço aos brasileiros
que leram com atenção
esse pequeno cordel
que fiz com o coração
de pequena Isabella
eternizada como paixão.